

Dora e Kelly
ficaram amigos
e só depois se
apaixonaram.



Uma história de amor à moda antiga

POR LORRI BENEDIK

Eles eram a Cinderela
e o Príncipe Encantado
– e escreveram seu
próprio “felizes para
sempre”

A HISTÓRIA deles começa em 1936. Meu pai, Kelly Benedik, então com 19 anos, estava andando pelo Boulevard St. Lawrence, em Montreal. Ao passar pelo empório e casa de penhores Meyers, o velho Meyers o chamou.

– Kelly, venha cá!

Então perguntou se meu pai tinha uma namorada. Não tinha.

– Sabe de uma coisa? Tocar um instrumento musical é uma

ótima forma de atrair garotas – disse Meyers, e mostrou-lhe um belo bandolim que alguém empenhara no dia anterior. – Você pode ficar com ele por dez dólares – disse. – É um bom negócio.

Meu pai trabalhava desde os 12 anos, e a maior parte dos seus ganhos ia para os pais. Mas ele tinha uma pequena conta bancária.

– Eu lhe dou cinco – respondeu.

– Por sete eu posso vender, mas sem a capa – disse Meyers.

– Está bem – disse papai.

Ele fez um cheque para Meyers e saiu com o bandolim debaixo do braço. Sua mãe confeccionou uma capa de brim e o pai ajudou a afiná-lo, pois tocara um instrumento semelhante chamado *tamburitza* em seu país natal, a Áustria.

Meu pai ouvira falar de uma orquestra de bandolins que praticava todas as semanas no porão de uma sinagoga. Os rapazes e as moças que participavam eram filhos de imigrantes judeus, vindos da Europa Oriental. Ele foi até lá e aprendeu a tocar e a ler partituras musicais. Dora, minha mãe, já fazia parte do grupo – era sua integrante mais jovem.

Embora Kelly não a conhecesse, minha mãe o conhecia. Os Benediks ficavam na rota de entrega de jornais de seu irmão, e ela o substituía de vez em quando. Ela já vira algumas vezes Kelly e o irmão mais velho, Harry. Meu pai era seis anos e meio mais velho do que ela, e nunca ocorrera a Dora que ele pudesse se interessar por ela.

DURANTE OS ANOS seguintes, Kelly e Dora tornaram-se amigos. Quando minha mãe soube que ia haver uma festa de formatura em sua escola e que todas as garotas iam levar namorados, pensou em Kelly – o único rapaz de quem realmente gostava. Ele era tranqüilo, gentil e bonito. Ela achava que ele se parecia com Clark Gable.

Dora queria convidar Kelly para acompanhá-la à festa, mas isso era arriscado. E se ele dissesse não? Como ela poderia voltar a tocar na orquestra? O pior de tudo é que teria de telefonar para ele; não ousaria fazer isso cara a cara durante o ensaio. Seus pais não tinham telefone – mas tia Oike, sim.

Dora foi até a casa da tia e pediu para usar o telefone – em particular. Tia Oike colocou o aparelho preto, grande e pesado na mesa de jantar e acomodou seu corpo amplo numa cadeira ao lado. O marido e os dois filhos juntaram-se a elas.

Enquanto minha mãe girava o disco do telefone com o indicador trêmulo, gotas de suor começaram a se formar em sua testa e sobre o lábio superior. Após quatro ou cinco toques, a mãe de Kelly atendeu.

– Alô, Sra. Benedik, aqui quem fala é Dora Okun – ela se ouviu dizendo. – Kelly está?

– Sim, um minuto, por favor.

Ela ouviu o arrastar de pés e susurros abafados, depois a voz dele:

- Alô, Dora.

A essa altura era como se Dora tivesse deixado seu corpo e estivesse observando a si mesma. Ela se ouviu convidando Kelly para a festa e ele aceitando de imediato; além disso, mais nada. E daquele dia em diante, houve uma mudança visível nos dois jovens. Era a maneira de olhar um para o outro. Quando andavam lado a lado, Kelly segurava o braço de Dora gentilmente. Dizem que as pessoas na vizinhança os comparavam à Cinderela e ao Príncipe Encantado.

POUCO DEPOIS daquela festa, Kelly alistou-se no Exército. A 2ª Guerra Mundial havia começado. Antes de sua partida, ele e Dora tiveram seu primeiro encontro oficial. Era a estréia de *...E o vento levou*. Minha mãe estava animada com seu primeiro encontro e era invejada pelas amigas, mas sentia-se terrivelmente triste sabendo que Kelly logo partiria. Ele poderia ser mandado para o exterior e ser ferido ou até mesmo morto.

Felizmente, toda a sua carreira no Exército transcorreria em bases em um raio de 50 quilômetros de Montreal. Na maior parte do tempo, as licenças de Kelly eram passadas na fábrica de bordados da família e, é claro, visitando Dora. Eles formavam um casal digno de nota - meu pai com seu ar de artista de cinema e minha mãe, com os cabelos escuros longos e cheios, geralmente vestida com belas roupas em estilo russo, feitas por seu pai, um alfaiate.

- Dora, o que você acha de come-

çarmos a economizar dinheiro juntos? - perguntou Kelly numa de suas licenças.

Ela sabia o que ele estava sugerindo e respondeu:

- É uma ótima idéia.

No dia seguinte eles abriram uma conta bancária conjunta. "Ida, acho que as intenções de Kelly comigo são sérias", sussurrou Dora para a irmã naquela noite. "Talvez ele até queira se casar comigo."

Nenhum dos dois se lembra de um pedido formal de casamento. Simplesmente, ficou subentendido.

- Dora, você sabe que meu desejo é casarmos o mais rápido possível - disse ele um dia, em 1943.

- Sim, eu sei, mas não há pressa - explicou ela. - Depois que você tiver deixado o serviço militar está bom.

Em 26 de março de 1944, dois dias após o 20º aniversário de minha mãe, eles se casaram.

O jovem par não podia comprar uma casa própria, e assim foram morar espremidos com os pais, o irmão, a irmã e a avó da noiva. Três anos mais tarde, meu irmão, Perry, nasceu. Por volta dessa época, o prédio de três andares que os Benediks alugavam, e onde estava instalada a fábrica de bordados, foi colocado à venda. Meus avós paternos raspavam todas as economias, conseguiram dinheiro para a entrada e compraram a propriedade. Eles se mudaram para o apartamento do meio e converteram o andar de baixo na Bordados Benedik. Dora, Kelly e o bebê mudaram-se para o último andar. Minha irmã,

Bonnie, nasceu três anos depois, e eu cheguei cinco anos depois dela.

Risos eram o tema recorrente em nosso lar durante toda a minha infância. Nós contávamos piadas bobas, criávamos danças malucas e ouvíamos repetidamente os discos dos meus pais.

É claro que também havia momentos sérios, conversas ao redor da mesa da cozinha depois de colocar as crianças na cama. Lembro-me de ouvir suas vozes suaves flutuando pelo corredor. Preocupações com o orçamento da família. Problemas de comportamento na escola.

- Kelly, Bonnie fugiu da escola duas vezes esta semana. A diretora telefonou.

- Ela vem aprontando desde que a caçula nasceu - disse meu pai. - Deve ser difícil para ela aceitar que não é mais o nosso bebê.

- Talvez devamos passar um tempo sozinhos com ela, no sábado ou domingo, e fazer algo de que ela goste - sugeri mamãe. - Podíamos levá-la para ver o *Quebra-nozes* na próxima semana. O problema é o dinheiro para os ingressos.

- Daremos um jeito, Dora. Não vejo nada mais importante.

OS ANOS voaram. A cada aniversário de casamento, os meus pais iam a um lugar elegante, só os dois, para jantar e às vezes dançar. Eu adorava me sentar na cama e observar minha

mãe se preparando para o “encontro”. Ela sempre fora bonita, mas quando se arrumava ficava glamourosa. No dia seguinte ouvíamos a história toda no café-da-manhã.

Uma noite, sentados à mesa da cozinha, depois de termos ido para a cama, minha mãe disse:

- Kelly, sei que decidimos que eu ficaria em casa para educar as crianças, mas agora que estão todas na escola, o que você acha de eu arranjar um emprego de meio expediente?

- Minha mãe nunca trabalhou - retrucou meu pai.

- Mas os tempos estão mudando, Kelly - respondeu minha mãe. - Muitas mulheres trabalham, e eu adoraria dar aula num jardim-de-infância.

- Dora, se isso a fará feliz, para mim está tudo bem.

Minha mãe conseguiu um emprego de quatro horas por dia num jardim-de-infância. Logo chegou à conclusão de que, sem grau universitário, nunca receberia o salário ou as promoções que os outros recebiam. Assim, mais uma vez ela se sentou com meu pai à mesa da cozinha. Dessa vez nós crianças fomos incluídas.

- Eu gostaria de fazer algo e vou precisar da ajuda de cada um de vocês - começou ela. - Se eu frequentar aulas noturnas para obter um diploma universitário, posso me tornar uma professora de verdade, o que sempre sonhei. Mas, Kelly, você teria de cuidar das crianças durante a noite, umas duas vezes por semana. Perry, você poderia colaborar chegando em casa cedo o suficiente

para ajudar o papai a fazer o jantar. Bonnie, você poderia ajudar Lorri com o dever de casa e se certificar de que ela irá para a cama na hora certa. E você, Lorri, estou contando com você para ser a minha menina crescida. Acho que você sabe o que isso significa.

Concordei com a cabeça.

Meu pai respirou fundo e disse:

- Dora, não se preocupe. Ficaremos bem. Sei o que isso representa para você. E serei o homem mais feliz desta cidade porque terei a mulher mais feliz ao meu lado.

Aquelas palavras devem ter sido difíceis para meu pai. Ele não pôde terminar os estudos porque a família precisava dele para trabalhar.

Dez anos depois, quando fazia 50 anos, minha mãe recebeu o grau de bacharel em educação pré-escolar. Na cerimônia, papai aplaudiu vigorosamente, enxugando lágrimas de alegria e irradiando orgulho.

JÁ ADULTOS, meu irmão, minha irmã e eu conversamos com frequência sobre o casamento duradouro de nossos pais. "Como eles conseguem? Parece que nunca brigam", dizemos muitas vezes. "Não são abertamente carinhosos, mas têm uma 'intimidade' muito profunda. E a capacidade de se

entenderem somente pelo olhar evidencia isso."

Meu pai não gosta de viajar, e nos últimos anos, tem preferido ficar em casa. Recentemente, minha mãe foi ao casamento de um parente em Washington - sozinha.

Telefonei para meu pai.

- Alô, pai. Como você está?

- Estou bem, acho - ele respondeu, mas sua voz soava estranha.

- Você está bem mesmo? - perguntei, preocupada.

- É, acho que ficarei bem, Lorri...

- Papai, vou para aí agora mesmo. Você não parece nada bem.

- Não seja boba. Eu estou bem.

- Então qual é o problema?

- Promete que não vai rir? - disse ele. - Sinto falta de sua mãe.

- Mas, papai, ela viajou faz apenas algumas horas.

- Eu sei, mas depois de 60 anos de casamento você realmente se acostuma com uma pessoa.

CINDERELA e Príncipe Encantado? Na história de amor de meus pais, nunca houve sapatinho de cristal, carruagem de abóbora ou fada madrinha. Não existiram castelos ou ratinhos dançantes. Meus pais fizeram sua própria mágica.

E ainda estão fazendo.

VIDA DE CIDADEZINHA

Uns parentes foram visitar meus avós na cidade onde eles moravam, no campo. Pararam no café local para pedir informações.

- Sabe onde posso encontrar Jens Jensen?

- Ora - começou o proprietário. - Ele não está em casa?